

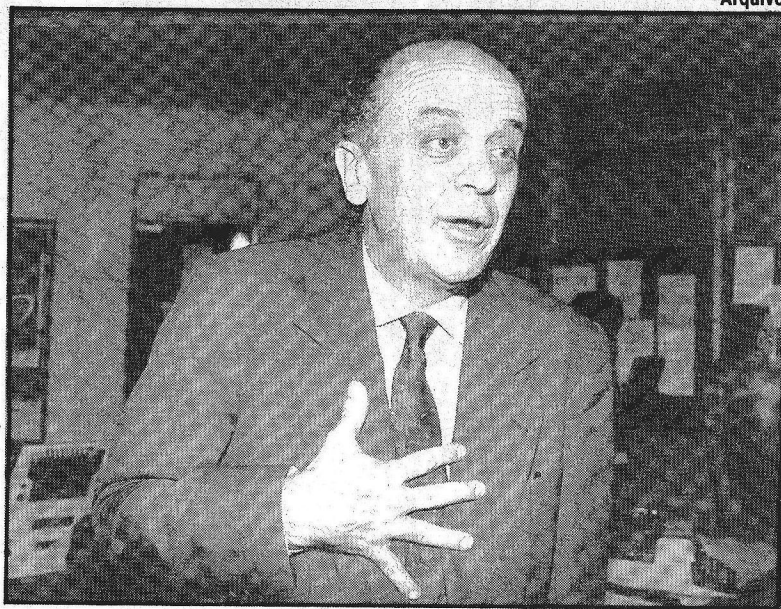
Tucano paulista defende acordo com oposição

Candidatos têm agenda comum, diz José Serra

SÃO PAULO — O deputado federal José Serra (PSDB-SP), que lidera a disputa para uma vaga no Senado em São Paulo, anunciou ontem que pretende propor, logo após as eleições, uma agenda de entendimento entre o futuro Governo e a oposição, a fim de assegurar a consolidação do Plano Real e a revisão constitucional. Na opinião de Serra, Fernando Henrique e Lula já estão protagonizando o diálogo indispensável para o entendimento:

— A campanha eleitoral mostrou que os candidatos têm uma agenda comum. A exceção de Brizola, todos se declararam a favor da revisão constitucional. Há um consenso em relação aos problemas da educação e, por exemplo, do emprego.

A vitória do candidato tucano a presidente e a eleição de pelo menos três governadores



José Serra: a favor de um entendimento pelo plano e pela revisão

do PSDB já no primeiro turno — Mário Covas (SP), Tasso Jereissati (CE) e Albano Franco (SE) — além de uma bancada de nove senadores, segundo a avaliação da cúpula tucana, facilitará bastante a articulação da base política do futuro Go-

verno.

Serra considera o diálogo do futuro presidente com os governadores indispensável, mas assinala que, desta vez, o cenário eleitoral resultante das eleições revelará um quadro partidário mais pulverizado no

Executivo. Nenhum partido, segundo ele, controlará muitos Governos estaduais. Mas a maioria dos governadores será composta por aliados de Fernando Henrique nas eleições.

— Não creio em dificuldades para a negociação da agenda comum entre as forças da coligação. Se houver dificuldades, será na hora da composição do futuro Governo. Mas nada que não possa ser assimilado pela coligação. A agenda deve ter o objetivo de buscar um espaço de colaboração entre o Governo e a oposição. Lula terá todo o interesse em manter a inflação controlada, em contribuir para que a retomada do desenvolvimento ocorra com um perfil de distribuição de renda melhor.

O parlamentar paulista cita o exemplo da Itália, onde os salários foram desindexados com o apoio do movimento sindical, que aceitou o fim da escala móvel depois de quase uma década de indexação dos salários para reposição de perdas.

Arquivo